

O Teste de Associação de Palavras na Psicologia e Psiquiatria: História, Método e Resultados

THOMAS MERTEN (*)

1. HISTÓRIA

São poucos os métodos psicológicos que, dum ponto de vista histórico, estejam tão intimamente ligados ao desenvolvimento da Psicologia e da Psiquiatria como o teste de associação de palavras. A American Psychiatric Association (1980) define, no seu glossário psiquiátrico, a «associação» como «a relação entre ideias ou emoções através da contiguidade, continuidade ou semelhança» (p. 11).¹

Aristóteles é considerado o primeiro a tratar o tema da associação. Às suas ideias pode chamar-se «teoria associacionista da memorização»,² como Popper o fez (Popper & Eccles, 1977, p. 195). A tradição filosófica do conceito da associação de ideias abrange nomes famosos como Descartes, Hobbes, Leibniz e Locke (cf. Rapaport, 1974). Na medida em que a Psicologia se tornou uma ciência autónoma (o primeiro instituto psicológico do mundo foi fundado em Leipzig há pouco mais de cem anos) iniciou-se também a investigação experimental de associações.

Foi Francis Galton (1879/80) o primeiro a construir uma lista de palavras de associação e logo se lhe seguiram experiências de Ebbinghaus e Wundt. Tendo trabalhado como assisten-

te de Wundt, Kraepelin (1896), tão interessado em usar métodos psicométricos, introduziu o teste na Psiquiatria. As obras dele e do seu aluno Aschaffenburg (1896) prepararam o caminho para os «Diagnostische Assoziationsstudien» (Estudos Diagnósticos de Associação) de Carl Gustav Jung (1906, 1910) — o criador da Psicologia Analítica —, estudos estes em que Bleuler (1906) já participou.

Em contraste com Freud que, em colaboração com Breuer, introduzira em 1895 a «associação livre» como método terapêutico (Breuer & Freud, 1895; Freud, 1896), a experiência da associação foi para Jung um meio de diagnóstico para revelar os «complexos».

Quando Eugen Bleuler (1911), com a sua obra pioneira *Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien* (Demência precoce ou grupo das Esquizofrenias) chamou a atenção dos especialistas psiquiátricos para a «perturbação esquizofrénia das associações», iniciou com isso a tradição de investigar perturbações do pensamento em psicóticos. As enormes esperanças que Bleuler tinha com a utilização diagnóstica deste método, foram descritas por ele da seguinte forma:

«Neste momento, diagnosticamos já pelas associações a demência precoce, a epilepsia, vários tipos da imbecilidade e certas formas da histeria, para não falar da disposição maníaca com a sua evasão de ideias conheci-

(*) Projecto I.P.A.L..

¹ Citações traduzidas do inglês.

² Citações traduzidas do inglês.

da há muito, e estados semelhantes. Além disso temos a esperança bem fundada de podermos reunir e classificar de maneira natural, com o auxílio das associações, grupos não apreensíveis até agora, como algumas formas paranóides e, em particular, as 'doenças' que sob as designações de histeria, neurastenia e psicastenia estão confusamente agrupadas ou delimitadas.» (1906, p. 6)³

Na sua obra de 1911, Bleuler introduziu o conceito de esquizofrenia e a sua classificação nas quatro sub-formas clássicas. Na sua concepção de esquizofrenia, as associações ocupam um lugar preponderante:

«Designamos com o nome de demência precoce ou esquizofrenia, um grupo de psicoses que evoluem quer cronicamente quer em surtos, podendo parar ou regredir em cada estágio, mas provavelmente não admitem um *restitutio ad integrum* completo. Caracteriza-se por uma alteração específica — e que não se encontra noutras patologias — da forma de pensar, de sentir e das relações com o mundo exterior. (...) A actividade das associações é (...) frequentemente determinada apenas por fragmentos de ideias ou conceitos; obtendo com isso, para além de incorrecções, algo excêntrico, inesperado para uma pessoa normal. Muitas vezes esta actividade também pára subitamente no meio duma ideia, ou no momento em que devia passar a outra ideia, pelo menos ao nível do consciente (bloqueio); em vez da sua continuação, às vezes surgem novas ideias, que nem a consciência do paciente, nem o observador podem relacionar com o conteúdo anterior das ideias.» (1911, p. 6)⁴

Mednick (1958) chamou a atenção para o facto de que as descrições fornecidas por Bleuler caracterizam, afinal, exactamente o comportamento que tantas outras teorias procuram explicar (de Kraepelin, passando por Goldstein, Pawlow & Bateson, até Shakow), apesar de os seus princípios serem tão diferentes. As ideias de Bleuler têm tido até ao presente uma influên-

cia considerável na investigação no campo da esquizofrenia. Andreasen (1979) descreve isto da seguinte forma:

«A conceptualização de Bleuler da esquizofrenia que faz de um característico 'Enfraquecimento associativo' (associative loosening), o sintoma patognomónico, tem sido a mais influente na psiquiatria americana desde há muitos anos» (p. 1325).⁵

Várias teorias psicológicas da esquizofrenia tentaram, na sucessão de Bleuler, conceber teoricamente as perturbações salientes das associações nos esquizofrénicos. Isso diz respeito a: Concepção de aprendizagem de comportamentos patológicos de Mednick (1958); Teoria do «segmental set» (Shakow, 1962) que sublinha os défices de atenção; Teoria do comportamento verbal de esquizofrénicos de Chapman (Chapman, Chapman & Miller, 1964); Teoria da interferência dos estímulos de Buss e Lang (Lang & Buss, 1965); Teoria da interferência das reacções (Broen & Storms, 1967); Concepção das perturbações verbais de esquizofrénicos de Maher (1972); Teoria do défice em processos da «auto-edição» (self-editing) de Cohen (Cohen, 1978; Lisman & Cohen, 1972).

2. MÉTODO

Na forma mais simples e historicamente mais importante da experiência de associação pede-se ao sujeito que responda com a primeira palavra que lhe venha à cabeça a uma série de palavras enunciadas pelo experimentador. Partindo daí, pode mudar-se a experiência para duas dimensões independentes: em primeiro lugar, pede-se ao sujeito para, em vez de discretas, fazer associações contínuas; e, em segundo lugar, ele deve associar de forma restrita e não livremente. Assim, obtém-se uma tabela de quatro entradas (Tabela 1).

- (1) Reacção do sujeito a uma palavra-estímulo com a primeira palavra que lhe vier à cabeça. Por exemplo: Gato-Cão; Carro-Conduzir; Avó-Velha.
- (2) O sujeito deve responder especificamente,

³ Citações traduzidas do alemão.

⁴ Citações traduzidas do alemão.

⁵ Citações traduzidas do inglês.

TABELA 1

(1) Associação discreta livre	(2) Associação discreta restrita	Classificação da experiência de associação
(3) Associação contínua livre	(4) Associação contínua restrita	

por exemplo sempre com um antônimo, uma palavra superordinada ou pertencente à mesma categoria da palavra-estímulo. Por exemplo, antônimo: Jovem-Velho; Devagar-Depressa; Escuro-Claro.

O tipo de ligação entre a palavra-estímulo e a reacção pode até diferir de um item ao outro (e.g., Woodworth & Wells, 1911). Neste sentido a experiência de analogia usada na psicologia cognitiva pode ser considerada uma forma de teste de associação.

- (3a) O sujeito responde com uma série de palavras ligadas sucessivamente à anterior. Por exemplo: Burro-Cavalo, Carro, Roda, Pneu, Pneumonia.
- (3b) O sujeito responde com uma série de palavras que estão todas ligadas à palavra-estímulo. Por exemplo: Cão-Gato, Dono, Canil, Cabo, Trela, Chapa.
- (3c) Descrição das ideias e imagens que surgem ao sujeito e que o sujeito associa a uma palavra ou a um tema. Usa-se este tipo de associação, por exemplo, no quadro de métodos psicanalíticos, como na análise de sonhos (Freud, 1900) ou na interpretação de lapsos (Freud, 1924). Erikson (1971) caracteriza esse tipo de associações livres como «os nossos melhores guias para o significado dum ponto até então obscuro.» (p. 47)⁶
- (4) O sujeito faz várias associações que, no entanto, devem obedecer a certas regras. Por exemplo, têm que ser palavras subordinadas à palavra-estímulo. Por exemplo: Animal-Rato, Cão, Gato, Peixe, etc.

Além disso, podem discriminar-se os tipos de experiências de associação de palavras segundo os quais os sujeitos dão as respostas quer escritas quer orais. Apesar das outras condições do teste serem iguais, pressupõe-se que os padrões das respostas diferem nos dois tipos (Jodelet, 1960).

Outra variação da mesma experiência consiste no seguinte: a seguir ao teste simples repete-se a mesma lista de palavras-estímulo instruindo-se o sujeito a responder com a mesma palavra que utilizara na primeira passagem (e.g. Wells, 1911). Com isso mede-se a chamada «estabilidade» das respostas. Também pode usar-se uma terceira passagem com a instrução de agora responder com outra palavra, etc. (cf. Zeigarnik, 1961).

A par de «associações livres» podem pedir-se ao sujeito respostas que, segundo a sua opinião, a maioria das pessoas dariam (e.g. Wynne et al., 1967). Na língua inglesa essa condição experimental chama-se «popular», «social» ou «common response condition/instruction». Em contraste, pode também pedir-se ao sujeito que dê uma resposta que, para além dele, ninguém daria («individual», «original response condition» ou «no one else instruction»; e.g. Routh, 1971).

Uma variante de padronização mais ampla consiste em deixar decidir qual de duas ou mais respostas apresenta a maior ligação associativa à palavra-estímulo. Isso foi, por exemplo, a base para a construção do WIST (Whitaker Index of Schizophrenic Thinking; cf. Lovallo et al., 1983).

3. INDICADORES

A variável mais investigada do teste de asso-

⁶ Citações traduzidas do alemão.

ciação de palavras é provavelmente a chamada *comunalidade* (commonality) das respostas dos sujeitos. Examina-se quantas vezes uma resposta particular foi fornecida por uma amostra de pessoas. A comunalidade média da lista de palavras calcula-se ao somarem-se as comunalidades de cada resposta do sujeito e dividir-se o resultado, pelo número das palavras da lista.

Ao examinarem cerca de mil pessoas, Kent e Rosanoff (Kent & Rosanoff, 1910; Rosanoff, 1927) obtiveram normas detalhadas para uma lista de cem palavras muito usadas na língua inglesa. Esta lista é a base de uma multiplicidade de investigações, inclusive de comparações interculturais (e.g. Rosenzweig, 1957; Russel & Meseck, 1959; Miller, 1970). Em 1952, essas normas foram revistas e actualizadas por Postman (Postman & Keppel, 1970).

Todas as respostas que se encontram nas listas são classificadas como respostas comuns (common responses). Para a palavra Borboleta, por exemplo, essa categoria contém a resposta primária Insecto (26% dos sujeitos), as respostas Pássaro (6,4%), Mosca (4,4%) e, além disso, mais 143 palavras. Variantes gramaticais que não se encontram nas tabelas passam por reacções duvidosas (*doubtful reactions*), por exemplo Borboleta-Mosquitos. Palavras que não se encontram nas listas e que não são reacções duvidosas chamam-se respostas individuais (*individual or idiosyncratic responses*).

Para facilitar o procedimento da valorização das respostas usa-se frequentemente apenas a soma das respostas primárias, e não é totalmente correcto chamar a essa soma «comunalidade», como é usual fazer-se. A correlação entre a comunalidade propriamente dita e o número das respostas primárias é todavia, bastante elevada (e.g. Horton et al., 1963).

Ainda não existe uma resposta clara ou consensual no que diz respeito ao significado das normas de associação e do parâmetro da comunalidade. Será que a hierarquia das respostas que se obtém numa amostra reflecte a hierarquia individual das pessoas? Que influência tem a biografia individual na estrutura da memória associativa? Não ficou sem objecções a opinião de Jenkins (1970) segundo a qual os resultados de um certo número de investigações sugerem «que as normas fornecem estimativas razoáveis das hierarquias de respostas dos indivíduos»

(p. 7).⁷ Um argumento em favor da posição de Jenkins seria que aqueles sujeitos que dão respostas muito comuns, também respondem mais estavelmente quando se repete o teste, enquanto que as respostas daqueles que reagem mais individualmente são muito mais difíceis de prever.

Muitos autores desenvolveram sistemas de *classificação* das respostas dadas por uma pessoa. Isso tanto diz respeito às reacções individuais e «patológicas» como às comuns. Já Kraepelin (1896) esperava de uma análise mais elaborada das respostas esclarecimentos sobre associações indicativas para a fuga ou pobreza das ideias, estereotípias, associações abstractas ou sem sentido.

Rosanoff (1927), por exemplo, classificou as respostas individuais segundo 17 categorias, entre elas neologismos, repetições, rimas. A classificação das respostas cuja relação com a palavra-estímulo não indica um «processo associativo perturbado», pode basear-se em aspectos gramaticais ou semânticos.

Um sistema que interessa em particular à psicologia do desenvolvimento divide as reacções em associações sintagmáticas e associações paradigmáticas (e.g. Hormann, 1967). Nas primeiras, as duas palavras (estímulo e reacção) podem substituir-se no contexto de uma frase, quer dizer que, em geral, pertencem à mesma classe gramatical. Por exemplo, numa frase «Eu vejo um...» as palavras Cão, Animal ou Cão-de-Água podem substituir-se. Fazem parte desse tipo de associações, pares de palavras que apresentam uma relação mútua de sinonimidade, subordinação, superordinação ou coordenação. Associações sintagmáticas, no entanto, são aquelas que não se podem substituir no contexto de uma frase, mas que ambas podem fazer parte da mesma frase. Isso é, por exemplo, o caso de associações tão frequentes como Cão-Ladrar ou Flauta-Tocar.

Verificou-se que os adultos preferem as associações paradigmáticas, enquanto que as crianças preferem as sintagmáticas. No entanto, ao crescerem, nota-se uma transição destas para as paradigmáticas (Ervin, 1961; Milgram & Goodglass, 1961; Pichevin & Noizet, 1968). Essa transição parece ser mais pronunciada entre os

⁷ Citações traduzidas do inglês.

6 e os 8 anos de idade (Entwisle, Forsyth & Muuss, 1964).

Considerando a frequência relativa de ambos os tipos de associação em adultos constata-se que as respostas primárias constituem duas vezes mais associações paradigmáticas do que sintagmáticas (Pons & l'Homme, 1983), o que também se verificou em amostras de doentes.

Para a classificação da relação semântica entre a palavra-estímulo e a resposta, elaboraram-se numerosos sistemas que, mais ou menos, correspondem uns aos outros (e.g. Aschaffenburg, 1896; Jung & Riklin, 1904; Wells, 1911; Woodworth & Wells, 1911; Moran, 1953; Flavell et al., 1958; Jodelet, 1960; Rommetveit & Brogger, 1979).

Outras classificações das respostas dizem respeito ao conteúdo emocional das reacções (Mefferd, 1979) ou ao nível de relacionamento (relatedness) entre a palavra estímulo e a reacção (Moran, 1953).

Rapaport, Gill e Schafer (1946), num contexto psicanalítico, dividiram a sua lista de palavras em 20 estímulos traumáticos e 40 não-traumáticos. Os autores sugerem que as palavras traumáticas (provinhas das esferas oral, anal, agressiva ou sexual) provocam perturbações associativas (respostas patológicas) com uma probabilidade elevada.

Se se aplicar o teste repetidamente, examina-se o grau da concordância ou discordância das respostas aos estímulos idênticos e obtem-se uma estimativa da *estabilidade*. Kraepelin (1896) considerou esse parâmetro indicador da «solidez das ligações entre as ideias». Verificou-se que respostas individuais, pouco comuns, aberrantes e patológicas, são muito menos estáveis do que as outras — as associações comuns. Para Jung (1910), a falta de estabilidade indica a presença de um «complexo» ligado ao estímulo em questão, ou ao estímulo imediatamente precedente. Ele escreveu:

«Eu repito as mesmas palavras-estímulo e pergunto às pessoas testadas se ainda se lembram das suas reacções da primeira passagem. Em muitas ocasiões falha a memória, e como sabemos pela experiência, esses locais são palavras-estímulo que tocaram um complexo emocionalmente acentuado, ou palavras-estímulo que seguem imediatamente tais palavras críticas.

Em pessoas normais encontramos regularmente um número limitado de reproduções erradas, raramente mais do que 10 a 20 por cento, enquanto que em pessoas anormais e em particular em histéricos costuma-se encontrar muitas vezes 20 a 40 por cento de reproduções erradas. Por isso, a exactidão da reprodução é em certos casos uma medida da emotividade do sujeito.» (p. 238)⁸

Levinger e Clark (1961) verificaram que o esquecimento de associações de palavras depende acima de tudo de dois factores: em primeiro, do potencial da palavra-estímulo para desencadear emoções e, em segundo, da tendência de uma palavra para provocar várias respostas concorrentes. Segundo estes autores, esquecem-se mais facilmente as associações a palavras que têm importância emocional, independentemente do prazo entre a primeira e a segunda passagem da lista (imediatamente a seguir, uma hora depois ou no dia seguinte) (Rossmann, 1984).

Outro parâmetro da experiência de associação é o *tempo de reacção*. Quanto mais forte é a relação associativa entre duas palavras, tanto mais rápida será a reacção. Essa relação entrou na história da Psicologia como a lei de Marbe (Thumb & Marbe, 1901; Esper, 1918). Os tempos de reacção verificados de Woodworth e Wells (1911) variam dependendo da relação semântica entre a palavra-estímulo e a resposta.

Como causas para respostas retardadas na associação livre distinguem-se as seguintes: (1) São activadas ao mesmo tempo várias palavras que, por consequência, concorrem umas com as outras, o que requer tempo adicional; (2) A ligação entre a palavra-estímulo e a reacção não é directa mas através de elos intermediários que não são expressos pela pessoa; (3) A palavra-estímulo activa ideias com significado do ponto de vista emocional.

É esta última hipótese que forneceu a base da chamada «Tatbestandsdiagnostik» (diagnóstico de pistas), conceito que, mais tarde, foi conhecido na América sob o nome de «lie detection» (detecção de mentiras). Já C.G. Jung (1905) e Freud (1906) se debruçaram acerca da utilização deste método no campo da criminologia. Os primeiros a usar o nome da «Tatbes-

⁸ Citações traduzidas do inglês.

tandsdiagnostik» foram Wertheimer e Klein (1904).

A noção básica do procedimento consiste na consideração de que experiências emocionalmente importantes podem ser reactivadas por estímulos associativos, e isso será tanto mais forte quanto mais emocionalmente acentuada tiver sido a experiência. Pessoas que tiveram uma tal experiência no contexto de um crime deveriam, por consequência, diferir nas suas reacções, das pessoas que não a tiveram. Saíndo de um grupo maior de pessoas potencialmente envolvidas num crime, o teste de associação serve assim para a identificação de suspeitos ou agentes prováveis do crime. Uma série de investigações experimentais (e.g. Leach & Washburn, 1910), pôde confirmar essas considerações teóricas.

Na *associação contínua* há, além disso, um número de indicadores adicionais. Trata-se, por exemplo, do número das respostas produzidas num certo intervalo de tempo (geralmente um minuto), que ao nível das palavras define o índice *m* (word meaningfulness; riqueza de significado da palavra; Noble, 1952), e ao nível das pessoas, a «fluência associativa» (Israel & Ohlmann, 1980) ou produtividade de respostas (response productivity) de um indivíduo. Depois há parâmetros como a extensão estimada do «depósito associativo» (cf. Geyer, 1985) ou indicadores para a comparação da semelhança no significado de conceitos diferentes (coeficiente de sobreposição; Marx, 1984).

4. INVESTIGAÇÕES

No contexto deste artigo, limitamo-nos a dar apenas um resumo da grande variedade de investigações que usaram o teste de associação de palavra ou métodos estreitamente ligados a ele.

Um grupo de estudos investiga a influência do sexo (Palermo & Jenkins, 1965; Pons, 1989), da classe social (Rosenzweig, 1970) ou da idade dos sujeitos (Riegel & Riegel, 1964; Lovelace & Cooley, 1982; Scialfa & Margolis, 1986; Pons, 1989) no padrão das respostas. Pessoas idosas tendem a dar menos respostas comuns e são, além disso, menos estáveis no decorrer das várias passagens do teste (Perlmutter, 1979). Riegel e Riegel (1964) consideraram que os

melhores resultados que as pessoas mais velhas obtêm em muitas tarefas verbais se devem à ligação associativa de palavras derivada de uma acumulação perpétua de informação e da adaptação cada vez melhor aos padrões verbais.

Sarason (1961) estudou a influência da instrução dada aos sujeitos no comportamento associativo e demonstrou haver uma maior concordância das respostas (comunalidade elevada) quando os experimentadores fingiram medir com o teste a inteligência das pessoas. Horton et al., (1963) encontraram uma maior tendência para as pessoas reagirem com respostas comuns, quando solicitadas a responder o mais rapidamente possível.

Outros trabalhos ocuparam-se da influência do *stress* que foi operacionalizado de forma diferente, por vezes duvidosa (Mintz, 1969). Influências momentâneas como um certo estado de carência — fome, sede — (Wispe, 1954), factores intervenientes e introduzidos experimentalmente (Howard & Fiske, 1961), ou mudanças no estado afectivo (Isen et al., 1985) têm efeitos no comportamento associativo.

A relação entre as associações de palavras e as características da personalidade, como a agressividade ou a angústia manifesta, foi investigada, por exemplo, por Kuethe (1961) e Goldstein (1961). Por vezes considera-se o método de associação como um «teste objectivo». Assim, Szalay, Windle e Lysne (1970) obtiveram altas correlações entre o conteúdo emocional das associações livres dadas pelos sujeitos e suas «atitudes» directamente medidas. Horton, Marlowe e Crowne (1963) notaram que pessoas com alta necessidade de aprovação social (*high need for social approval*) dão respostas de maior comunalidade quando produzem associações sem pressões de tempo. No entanto, estas diferenças desaparecem quando se dá ordem para se responder o mais rapidamente possível.

Dunn, Bliss e Siipola (1958) verificaram que as pessoas impulsivas reagem mais rápida, mais directamente e com mais respostas de contraste (como Claro-Escuro, Alto-Baixo) do que pessoas inibidas que, por sua vez, descrevem mais «processos intervenientes» entre a percepção da palavra-estímulo e a sua reacção (surgimento de outras palavras ou imagens). Pessoas que se orientam mais conforme valores extraceptivos e se interessam por economia, política ou cam-

pos teóricos, também respondem mais depressa e usam mais respostas de contraste e menos adjectivos do que os indivíduos com interesses intraceptivos (estética, religião e interesses sociais). Devido a isso, os autores diferenciam dois tipos de processos associativos: os que são mais determinados pelas pessoas (*subject-bound*) e os que se determinam mais pelas características das palavras-estímulo (*stimulus-bound*).

A influência das características das próprias palavras-estímulo diz respeito ao seu conteúdo afectivo (Isen et al., 1985), aos seus efeitos «traumatisantes», num contexto psicanalítico (Weintraub, Silverstein & Klee, 1960), ou a factores como o comprimento das palavras, o seu nível de abstracção, a sua filiação a uma classe gramatical ou a frequência com que se usa uma determinada palavra (Goldfarb & Halpern, 1984).

Ervin (1962-63) reparou que a frequência com que se produz uma associação depende, acima de tudo, de dois factores: da frequência com que a resposta pode substituir a palavra-estímulo num certo contexto verbal, e da frequência com que as duas palavras emergem em conjunto num determinado contexto.

A concepção e o método de associação de palavras foram igualmente utilizados por uma série de investigações da Psicologia Cognitiva. Basta aqui referir-nos à investigação do significado associativo (Deese, 1962), aos múltiplos estudos sobre o fenómeno dos «clusters» associativos na reprodução livre (Bousfield, 1953; Bousfield et al., 1958; Tulving, 1962), a outras características na reprodução e no reconhecimento (Deese, 1959; Rouse & Schwartz, 1960), à problemática de pessoas bilingues (Dalrymple-Alford, 1984) e ao problema da construção da memória semântica e da representação de conhecimentos (Strube, 1983; Lupker, 1984).

Há numerosas investigações no campo da Psicologia Clínica e da Psiquiatria. Kawai (1985) pôde verificar que os doentes psicossomáticos apresentam, antes de darem as suas respostas, menos processos intervenientes (imagens internas) do que os neuróticos e os indivíduos normais. Ele interpreta isso como uma «falta de imagens» e uma «incapacidade de fantasia» nos psicossomáticos.

Pacientes neurológicos e em particular afásicos foram estudados por Cohen et al.,

(1976); Gewirth et al., (1984); Geyer (1985); Eustache, Cox et al., (1990).

Sugishita (1978) investigou uma doente de 30 anos de idade depois de uma comissurotomia. A paciente agarrou um objecto com a mão esquerda sem poder ver do que se tratava. Apesar de ter sido incapaz de denominar o objecto pôde, no entanto, escolher com a mão esquerda palavras que estavam associativamente ligadas a ele, mas apenas quando se tratava de conceitos coordenados, superordenados ou pertencendo ao mesmo contexto concreto do objecto em questão. Não conseguiu escolher da mesma forma associações abstractas.

Como já se mostrou quando falámos de teorias da esquizofrenia, as associações perturbadas ocupam um lugar especial no contexto desta doença e foram investigadas em muitas experiências (e.g., Cramer, 1969; DeWolfe, 1971; Lisman & Cohen, 1982; Price, 1972; Silverstein & Arzt, 1985).

Analisando um grande número de estudos daquele campo chegámos às seguintes conclusões (cf. Merten, 1990): (1) Esquizofrénicos dão, em comparação com normais ou outros doentes, menos respostas comuns e mais associações individuais e aberrantes; (2) As suas respostas mostram maior distância semântica em relação à palavra-estímulo; (3) As reacções dos esquizofrénicos são menos estáveis do que as dos normais; (4) Se se lhes pede para darem uma resposta individual, eles reagem menos individualmente do que pessoas de controlo; se devem dar uma resposta comum, reagem mais individualmente; (5) Tudo parece indicar que nos distúrbios associativos de esquizofrénicos, não se está perante aberrações das *estruturas* da memória a longo prazo, mas sim de perturbações nos *processos* mentais; (6) Por um lado, nem todos os esquizofrénicos apresentam perturbações nos processos associativos, e, por outro, essas perturbações não são exclusivas dos esquizofrénicos, encontrando-se também noutros doentes, em particular nos maníacos; (7) Com a ajuda do(s) método(s) de associação de palavras podem detectar-se também aberrações em parentes de esquizofrénicos e em pessoas que apresentam características de personalidade como esquizoidia, esquizotipia, etc. (cf. o conceito da vulnerabilidade, Zubin & Spring, 1977).

5. DISCUSSÃO

O método de associação de palavras está estreitamente ligado ao desenvolvimento histórico tanto da Psicologia como da psiquiatria. As múltiplas investigações empíricas que utilizaram este método (ou, melhor, este grupo de métodos) contribuíram essencialmente, por um lado, para elaborar um grande número de teorias psicológicas, e, por outro lado, para chegar à acumulação do conjunto de conhecimentos que temos hoje em dia.

Constata-se que o procedimento se afastou do interesse imediato da investigação contemporânea (em contraste, por exemplo, com os anos sessenta), devido a várias razões. Acima de tudo parece que mesmo os métodos científicos estão sujeitos a modas. Desaparecem e reaparecem sem razões aparentes, como se pode demonstrar em vários campos da história da Psicologia. Além disso, falhas do próprio método levaram os investigadores a preferir procedimentos alternativos. Até ao presente desconhece-se a natureza exacta dos processos que ocorrem entre o «input» perceptivo da palavra-estímulo e o «output» verbal do indivíduo embora haja muitas tentativas para os explicar. Porém, olhando para a investigação experimental no campo da Psiquiatria actual, constata-se que muitos métodos estão sujeitos a limitações semelhantes e não menos problemáticas.

Para evitar faltas consideráveis na investigação é sempre de aconselhar um procedimento que considere em detalhe e criticamente os métodos a usar. Um olhar mais atento para a história de um método pode contribuir para evitar erros já cometidos e corrigidos no passado e paralelamente, pode evitar a invenção da bicicleta pela segunda vez. Porém, a abundância dos resultados empíricos, e dos modelos e considerações teóricas coligidos nos últimos cem anos dificulta imenso uma orientação. Foi objectivo deste artigo, fornecer mais informações a quem, na busca de um método apropriado para uma determinada questão, tenha encontrado na experiência de associação um instrumento potencial e queira saber mais sobre ele.

BIBLIOGRAFIA

- American Psychiatric Association (APA) (1980b). *A psychiatric glossary*. Fifth Edition. Boston: Little, Brown & Co.
- Andreasen, N.C. (1979). Thought, language and communication disorders. II. Diagnostic significance. *Arch. Gen. Psychiatry*, 36: 1325-1330.
- Aschaffenburg, G. (1986). Experimentelle Studien über Assoziationen. *Psychologische Studien*, 1: 209-299.
- Bleuler, E. (1906). Über die Bedeutung von Assoziationsversuchen. In *Diagnostische Assoziationsstudien. Beiträge zur experimentellen Psychopathologie* (C.G. Jung, Ed.), Erster Band, pp: 1-6, Leipzig: J.A. Barth.
- Bleuler, E. (1911). *Dementia praecox oder die Gruppe der Schizophrenien*. Leipzig, Wien: Deuticke.
- Bousfield, W.A. (1953). The occurrence of clustering in the recall of randomly arranged associates. *J. Gen. Psychol.*, 49: 229-240.
- Bousfield, W.A., Cohen, B.H. & Whitmarsh, G.A. (1958). Associative clustering in the recall of words of different taxonomic frequencies of occurrence. *Psychol. Rep.*, 4: 39-44.
- Breuer, J. & Freud, S. (1895). Studien Über Hysterie. In *Gesammelte Werke* (S. Freud, Ed.), Band 1, pp: 75-312, London: Imago (1952).
- Broen, W.E. Jr. & Storms, L.H. (1967). A theory of response interference in schizofrenia. In *Progress in experimental personality research* (B.A. Maher, Ed.), Vol. 4, New York: Academic Press.
- Buss, A.H. & Lang, P.J. (1965). Psychological deficit in schizofrenia: I. Affect, Reinforcement, and concept attainment. *J. Abnorm. Psychol.*, 70: 2-24.
- Chapman, L.J., Chapman, J.P. & Moller, G.A. (1964). A theory of verbal behavior in schizofrenia. In *Progress in experimental personality research* Vol. 1, (B.A. Maher, Ed.), pp: 49-77, New York: Academic Press.
- Cohen, B.D. (1978). Self-editing deficits in schizofrenia. *J. Psychiatr. Res.*, 14: 267-273.
- Cohen, R., Engel, D., Kelter, S., List, G. & Strohner, H. (1976). Restricted associations in aphatics and schizofrenics. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, 222: 325-338.
- Cramer, P. (1969). Associative processes in normals and schizofrenics. *J. Gen. Psychol.*, 80: 291-298.
- Dalrymple-Alford, E.C. (1984). Bilingual retrieval from semantic memory. *Current Psychological Research and Reviews*, 3: 3-13.
- Deese, J. (1959). Influence of inter-item associative strength upon immediate free recall. *Psychol. Rep.*, 5: 305-312.
- Deese, J. 1962. On the structure of associative meaning. *Psychol. Rep.*, 69: 161-175.
- DeWolfe, A.S. (1971). Cognitive structure and pathology in associations of process and reactive schizofrenics. *J. Abnormal Psychol.*, 78: 148-153.

- Dunn, S., Bliss, J. & Siipola, E. (1958). Effects of impulsivity, introversion and individual values upon association under free conditions. *J. Pers.*, 26: 61-76.
- Entwisle, D.R., Forsyth, D.F. & Muuss, R. (1964). The syntactic-paradigmatic shift in children's word associations. *J. Verb. Learn. Verb. Behav.*, 3: 19-29.
- Erickson, E.H. (1971). *Einsicht und Verantwortung. Die Rolle des Ethischen in der Psychoanalyse*. Frankfurt: Fischer.
- Ervin, S.M. (1961). Changes with age in the verbal determinants of word-association. *Amer. J. Psychol.*, 74: 361-372.
- Ervin, S.M. (1962-63). Correlates of associative frequency. *J. Verb. Learn. Verb. Behav.*, 1: 422-431.
- Esper, E.A. (1918). A contribution to the experimental study of analogy. *Psychol. Rev.*, 25: 468-487.
- Eustache, F., Cox, C., Brandt, J., LeChevalier, B. & Pons, L. (1990). Word association responses and severity of dementia in Alzheimer Disease. *Psychol. Rep.*, 66: 1315-1322.
- Flavell, J.H., Draguns, J., Feinberg, L.D. & Budin, W. (1958). A micro-genetic approach to word association. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 57: 1-7.
- Freud, S. (1896). L'hérédité et l'étiologie des névroses. In *Gesammelte Werke*, (S. Freud, Ed.), Band 1, London: Imago.
- Freud, S. (1900). Die Traumdeutung. In *Gesammelte Werke*, (S. Freud, Ed.), Band 2-3, London: Imago.
- Freud, S. (1906). Tatbestandsdiagnostik und Psychoanalyse. In *Gesammelte Werke*, (S. Freud, Ed.), Band 7, London: Imago.
- Freud, S. (1924). *Zur Psychopathologie des Alltagslebens. Über Vergessen, Versprechen, Vergreifen, Aberglauben und Irrtum*, 10. Aufl. Leipzig, Wien, Zürich: Internat. Psychoanal. Verlag.
- Galton, F. (1879/80). Psychometric experiments. *Brain*, 2: 149-162.
- Gewirth, L.R., Shindler, A.G. & Hier, D.B. (1984). Altered patterns of word associations in dementia and aphasia. *Brain & Language*, 21: 307-317.
- Geyer, M. (1985). Ist die Wortfindungsstörung bei Apathikern eine Wortfindungsstörung? Eine Untersuchung an jugendlichen Apathikern zur verringerten Leistung im Assoziationsversuch und zur Rückbildung der Störung. *Z. Klin. Psychol.*, 14: 12-26.
- Goldfarb, R. & Halpern, H. (1984). Word association responses in normal adult subjects. *J. Psycholinguistic Rs.*, 13: 37-55.
- Goldstein, M.J. (1961). The relationship between anxiety and oral word association performance. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 62: 468-471.
- Hormann, H. (1967). *Psychologie der Sprache*. Heidelberg: Springer.
- Horton, D.L., Marlowe, D. & Crowne, D.P. (1963). The effect of instructional set and need for social approval on commonality of word association responses. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 66: 67-72.
- Howard, K.I. & Fiske, D.W. (1961). Changes in relative strength of naturally acquired responses as a function of intervening experience. *J. Personal.*, 29: 73-80.
- Isen, A.M., Johnson, M.M.S., Mertz, E. & Robinson, G.F. (1985). The influence of positive affect on the unusualness of word associations. *J. Personal Soc. Psychol.*, 48: 1413-1426.
- Israel, L. & Ohlmann, Th. (1980). Structure factorielle de la mémoire appréciée à travers une batterie d'épreuves psychologiques chez des personnes âgées ambulatoires. *L'Encéphale* 6: 181-195.
- Jenkins, J.J. (1970). The 1952 Minnesota word association norms. In *Norms of word association* (L. Postman & G. Keppel, Eds.), New York: Academic Press.
- Jodelet, F. (1960). Vocabulaire et structure des associations de mots en chaîne orales et écrites. *L'Année psychologique*, 60: 349-370.
- Jung, C.G. (1905). Zur psychologischen Tatbestandsdiagnostik. *Centralblatt für Nervenheilkunde und Psychiatrie*, 28: 813-815.
- Jung, C.G. (Ed.) (1906). *Diagnostische Assoziationsstudien. Beiträge zur experimentellen Psychopathologie*. Erster Band. Leipzig: J.A. Barth.
- Jung, C.G. (1910). The association method. *Amer. J. Psychol.*, 21: 219-269.
- Jung, C.G. & Riklin, F. (1904). Diagnostische Assoziationsstudien. I. Beitrag. Experimentelle Untersuchungen über Assoziationen Gesunder. *Journal für Psychologie und Neurologie*, 3: 44-83 und 1904, 4: 24-67.
- Kawai, T. (1985). Zum Bildmangel von psychosomatisch Kranken: eine Untersuchung mit der Assoziationsexperiment. *Nervenarzt*, 56: 492-497.
- Kent, G.H. & Rosanoff, A.J. (1910). A study of association in insanity. *Amer. J. Insanity*, July and Oct.
- Kraepelin, E. (1986). Der psychologische Versuch in der Psychiatrie. *Psychologische Arbeiten*, 1: 1-91.
- Kuethle, J.L. (1961). The interaction of personality and muscle tension in producing agreement on commonality of verbal associations. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 62: 696-697.
- Lang, P.J. & Buss, A.H. (1965). Psychological deficit in schizophrenia. II. Interference and activation. *J. Abnorm. Psychol.*, 70, 77-106.
- Leach, H.M. & Washburn, M.F. (1910). Some tests by the association reaction method of mental diagnosis. *Amer. J. Psychol.*, 21: 162-167.
- Levinger, G. & Clark, J. (1961). Emotional factors

- in the forgetting of word associations. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 62: 99-105.
- Lisman, S.A. & Cohen, B.D. (1972). Self-editing deficits in schizophrenia: a word-association analogue. *J. Abnorm. Psychol.*, 79: 181-188.
- Lovullo, W.R., Sengel, R.A., Leber, W.R., Shaffer, B. & Pishkin, V. (1983). Convergent and discriminant validity of the WIST. *J. Clin. Psychol.*, 39: 321-325.
- Lovelae, E.A. & Cooley, S. (1982). Free associations of older adults to single words and conceptually related word triads. *J. Gerontology*, 37: 432-437.
- Lupker, St.J. (1984). Semantic priming without association: A second look. *J. Verb. Learn. Verb. Behav.*, 23: 709-733.
- Maher, B.A. (1972). The language of schizophrenia: a review and reinterpretation. *Br. J. Psychiat.*, 120: 3-17.
- Marx, W. (1984). Das Konzept der assoziativen Bedeutung. In *Semantische Dimensionen. Verhaltenstheoretische Konzepte einer psychologischen Semantik* (A. von Eye & W. Marx Eds.), pp: 73-81. Gottingen: Hogrefe.
- Mednick, S.A. (1958). A learning theory approach to research in schizophrenia. *Psychol. Bull.*, 316-327.
- Mefferd, R.B. (1979). Word association: grammatical, semantic, and affective dimensions of associates to homonyms. *Psychol. Rep.*, 45: 359-374.
- Merten, Th. (1990). Wortassoziation und Schizophrenie. Dissertation, FB Erziehungs- und Unterrichtswissenschaften. Berlin: Freie Universität, 1990.
- Milgram, N.A. & Goodglass, H. (1961). Role style versus cognitive maturation in word associations of adults and children. *J. Personal.*, 29: 81-93.
- Miller, K.H. (1970). Free-association responses of English and Australian students to 100 words from the Kent-Rosanoff word association test. In *Norms of word association* (L. Postman & G. Keppel, Eds.), pp: 39-52, New York: Academic Press.
- Mintz, S. (1969). Effects of actual stress on word associations. *J. Abnorm. Psychol.*, 74: 293-295.
- Moran, L.J. (1953). Vocabulary knowledge and usage among normal and schizophrenic subjects. *Psychol. Monogr.*, 67 (20, Whole n° 370).
- Noble, C.E. (1952). An analysis of meaning. *Psychol. rev.*, 59: 421-430.
- Palermo, D.S. & Jenkins, J.J. (1965). Sex differences in word association. *J. Gen. Psychol.*, 72: 77-84.
- Perlmutter, M. (1979). Age differences in the consistency of adults' associative responses. *Experimental Aging Research*, 6: 549-553.
- Pichevin, C. & Noizet, G. (1968). Étude génétique de la structure linguistique de l'association verbal. *Ann. Psychol.*, 66: 391-408.
- Pons, L. (1989). Effects of age and sex upon availability of responses on a word-association test. *Percept. Motor Skills*, 68: 85-86.
- Pons, L. & l'Homme, M.F. (1983). Paradigmatism and syntagmatism of word responses of normals and patients. *Psychol. Rep.*, 52: 412-414.
- Popper, K.R. & Eccles, J.C. (1977). *The self and its brain*. Berlin, Heidelberg, New York, London: Springer.
- Postman, L. & Keppel, G. (Eds.) (1970). *Norms of word association*, 241-320. New York: Academic Press.
- Price, R. (1972). Psychological deficit versus impression management in schizophrenic word association performance. *J. Abnorm. Psychol.*, 79: 132-137.
- Rapaport, D. (1974). *The history of the concept of association of ideas*. New York: International Universities Press.
- Rapaport, D., Gill, M. & Schafer, R. (1946). *Diagnostic psychological testing*, Vol. 2. Chicago: Year Book Publisher.
- Riegel, K.F. & Riegel, R.M. (1964). Changes in associative behavior during later years of life. A cross-sectional analysis. *Vita Humana*, 7: 1-32.
- Rommetveit, R. & Brogger, J. (1979). Syntactic stimulus-response concordance in word association. In *Studies of language, thought and verbal communication* (R. Rommetveit & R. M. Blakar, Eds.), 237-241. London: Academic Press.
- Rosanoff, A.J. (1927). *Manual of psychiatry*, 6th edition. New York: Wiley.
- Rosenzweig, M.R. (1957). Études sur l'association des mots. *L'Année Psychologique*, 57: 23-32.
- Rossmann, P. (1984). On the forgetting of word associations: Parkin et al reconsidered. *Psychol. Res.*, 45: 377-388.
- Rouse, R.O. & Schwartz, F. (1960). Word-association intrusions in recognition memory. *Amer. Psychologist*, 15: 449.
- Routh, D.K. (1971). Instructional effects on word association commonality in high and low schizophrenic college students. *J. Personal. Assess.* 35: 139-147.
- Russel, W.A. & Meseck, O.R. (1959). Der Einfluß der Assoziation auf das Erinnern von Worten in der deutschen, französischen und englischen Sprache. *Z. exp. angew. Psychol.*, 6: 191-211.
- Sarason, I.G. (1961). A note on anxiety, instructions and word association performance. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 62: 153-154.
- Scialfa, C.T. & Margolis, R.B. (1986). Age differences in the commonality of free associations. *Experimental Aging Research*, 12: 95-98.
- Shakow, D. (1962). Segmental set. *Arch. Gen. Psychiat.*, 6: 1-17.
- Silverstein, M.L. & Arzt, A.T. (1985). Neuropsychy-

- chological dysfunction in schizophrenia. Relation to associative thought disorder. *J. Nerv. Ment. Dis.*, 173: 341-346.
- Strube, G. (1983). The latent semantics of verbal association. In *Psycholinguistic studies in language processing* (G. Rickheit & M. Bock, Eds.), pp: 56-69, Berlin: de Gruyter & Co.
- Sugishita, M. (1978). Mental association in the minor hemisphere of a commissurotomy patient. *Neuropsychologia*, 16: 229-232.
- Szalay, L.B., Windle, C. & Lysne, D.A. (1970). Attitude measurement by free verbal associations. *J. Soc. Psychol.*, 82: 43-55.
- Thumb, A. & Marbe, K. (1901). *Experimentelle Untersuchungen uber die psychologischen Grundlagen der sprachlichen Analogiebildung*. Leipzig: Engelmann.
- Tulving, E. (1962). Subject organization in free recall of unrelated words. *Psychol. Rev.*, 69: 344-354.
- Weintraub, W., Silverstein, A.B. & Klee, G.D. (1960). The correction of deviant responses on a word association test. *Arch. Gen. Psychiat.*, 3: 41-44.
- Wells, P.L. (1911). Practice effects in free association. *Amer. J. Psychol.*, 22: 1-13.
- Wertheimer, M. & Klein, J. (1904). Psychologische Tatbestandsdiagnostik. *Groß' Archiv für Kriminalanthropologie und Kriminalistik*, 15: 72-113.
- Wispé, L.G. (1954). Physiological need, verbal frequency, and word association, *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 49: 229-234.
- Woodworth, R.S. & Wells, F.L. (1911). Association tests. *Psychol. Monogr.*, 13, N° 5.
- Wynne, R.D., Gerjuoy, H., Schiffman, H. & Wexler, N. (1967). Word association: variables affecting popular-response frequency. *Psychol. rep.*, 20: 423-432.
- Zeigarnik, B.W. (1961). *Denkstorungen bei psychiatrischen Krankheitsbildern. Eine experimentalpsychologische Untersuchung*. Berlin: Akademie-Verlag.

- Zubin, J. & Spring, B. (1977). Vulnerability — a new view on schizophrenia. *J. Abnorm. Psychol.*, 86: 103-126.

RESUMO

A história da ciência é também uma história dos métodos, e a validade dos métodos usados determina o limite máximo da utilidade dos resultados de uma investigação. O artigo apresenta uma breve história do teste de associação de palavras tal como tem vindo a ser usado em Psicologia há uma centena de anos. São discutidos os campos principais da sua aplicação e alguns resultados importantes obtidos com ele.

RESUME

L'histoire de la science est aussi l'histoire des méthodes, et c'est la validité des méthodes employées qui va déterminer l'utilité des résultats de l'investigation. L'article présente un résumé historique de l'expérience des associations après son usage em Psychologie depuis cent ans. On discute les principaux domaines de son application et les résultats obtenues les plus pertinents.

ABSTRACT

History of science is also history of methods, and the validity of the methods used sets the upper limit to the utility of research findings. The article presents a short history of the word association test as used in Psychology for about a hundred years. The main fields of its application and some important results obtained with it, are discussed.